



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MURILO NASCIMENTO SALVIANO GOMES

PLANO HAITI
A HISTÓRIA DE HAITIANOS TRAFICADOS AO BRASIL

AGOSTO – 2013
BRASÍLIA (DF)

MURILO NASCIMENTO SALVIANO GOMES

PLANO HAITI
A HISTÓRIA DE HAITIANOS TRAFICADOS AO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel de Jornalismo.

Orientador: Professor Doutor Fernando Oliveira Paulino

AGOSTO – 2013
BRASÍLIA (DF)

MURILO NASCIMENTO SALVIANO GOMES

PLANO HAITI
A HISTÓRIA DE HAITIANOS TRAFICADOS AO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade de Brasília (UnB), como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel de Jornalismo.

Orientador: Professor Doutor Fernando Oliveira Paulino

AGOSTO – 2013
BRASÍLIA (DF)

BANCA EXAMINADORA

FERNANDO OLIVEIRA PAULINO
ORIENTADOR

ALZIMAR RAMALHO
PROFESSORA EXAMINADORA

CAÍQUE NOVIS
PROFESSOR EXAMINADOR

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Telma e Carlos Gomes, os grandes provedores desses últimos cinco anos de vida universitária. Eles que suportaram tanto tempo de distância, e que me incentivam alcançar voos do tamanho de meus sonhos. Nunca mediram esforços para me ver feliz, mesmo quando a minha felicidade apontava um caminho tão longe de seus braços aconchegantes. Os meus maiores exemplos.

Aos meus irmãos, Danilo e Arthur, que estão ao meu lado desde as minhas primeiras memórias. Amigos com quem partilho as raízes do meu eu.

À toda a minha família, especialmente aos meus tios Vander e Regiane, e ao meu primo Lucas. Sem eles por perto, em Taguatinga (DF), eu talvez não teria suportado a solidão do Planalto Central. Eles que cuidaram de mim com tanto carinho na ausência de meus pais.

À Mariana Veil, a irmã que escolhi. Uma amiga que instiga o melhor de mim, tanto pessoal como profissionalmente. E aos seus pais, Daniel e Márcia, que me acolheram como filho.

A todos os amigos com quem convivi na Universidade de Brasília e que fizeram da minha trajetória universitária um período inesquecível. Em especial ao Thiago Dutra Vilela, que me auxiliou na execução técnica deste projeto final e de tantos outros trabalhos. Um abraço saudoso aos companheiros do 2º/2008, o conhecido “semestre do amor”. Que cada um saia da UnB semeando o melhor que puder nesse mundão.

Ao inestimável corpo docente da Faculdade de Comunicação da UnB. Destaque para Fernando Oliveira Paulino, meu orientador, que cultivou o melhor de mim desde os primeiros semestres, principalmente durante o curso de Comunicação Comunitária. Ao Caíque Novis, mestre do fazer-televisivo, que me ensinou a aplicar a sabedoria acadêmica dentro do mercado jornalístico. À Alzimar Ramalho que trouxe consigo um espírito de inovação para a FAC – responsável pela criação da nossa webtv.

À Dione Moura, a melhor coordenadora de graduação que a FAC já teve; inesquecível. Ela quem me apoiou, de todas as formas possíveis, a viajar para os Estados Unidos e realizar um sonho: meu primeiro intercâmbio.

À Zélia Adghirni, professora que mantém com tanto esmero a parceria entre UnB e *Université de Rennes I*. Graças ao seu apoio, pude ampliar meus conhecimentos em jornalismo durante um ano de intercâmbio na França – período de extrema importância em minha carreira. Ao Denis Ruellan, um dos maiores pesquisadores na área da comunicação – ou “Deus”, como é conhecido pelos estudantes franceses de jornalismo – por receber os estudantes brasileiros em Lannion com tamanha atenção.

Aos meus queridos *lannionais*, amigos que me trouxeram calor ao período de intercâmbio na França. Agradeço especialmente ao Gurvan Kristanadjaja e à Nolwenn Guyon pelo incentivo na produção deste webdocumentário.

Aos funcionários da Faculdade de Comunicação. Um abraço amistoso ao Rogério Carlos e à Ivoneide, da secretaria, e ao Júnior Fontes do estúdio de rádio.

A todos os personagens e entrevistados que cruzaram meu caminho, e que me ofereceram uma parcela de seu tempo e de sua história. Sem essa doação, quase nada seria possível nesses cinco anos de estudo do jornalismo.

Por fim, agradeço a Deus, que promoveu todos os encontros acima descritos. Ele que me dá tanta força para chegar onde sonho. A benção.

A todos, meu muito obrigado. Levo um pedacinho de cada um de vocês nessa estrada profissional que apenas começa para mim.

RESUMO

O webdocumentário "Plano Haiti - A história de haitianos traficados ao Brasil" é um projeto experimental na modalidade Produto de Comunicação referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. O escopo do webdocumentário (www.planohaiti.com) é abrir espaço de fala a haitianos que se sujeitam às mãos de coites (traficantes de migrantes) em busca de melhores condições de vida na América do Sul. Sem oportunidade de estudo e emprego no Haiti, eles cruzam ilegalmente as fronteiras do norte do Brasil para conseguir o visto de permanência e uma carteira de trabalho. Além de fome, más condições de alojamento e transporte, os haitianos ainda precisam enfrentar o preconceito de parte da população brasileira que enxerga com maus olhos tal imigração. Este trabalho, assim, tenta criar uma aproximação entre o cidadão brasileiro e o imigrante haitiano, por meio dos recursos audiovisuais e interativos de um webdocumentário. Ademais, este produto buscou ser um ensaio técnico à linguagem dos webdocumentários, gênero ainda pouco explorado pela imprensa brasileira. O trabalho contou com a colaboração de estudantes de jornalismo do Instituto Universitário de Tecnologia de Lannion, vinculado à Universidade de Rennes I, na França. A partir da realização do webdocumentário, pode-se concluir a eficiência social e jornalística do gênero.

Palavras-chave: haiti, tráfico de migrantes, imigração, webdocumentário, convergência midiática

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Tema..	10
1.2 Objetivos.....	11
1.2.1 Geral	11
1.2.2 Específicos	11
1.3 Justificativa.....	11
2. CONSIDERAÇÕES PARA LEITURA.....	13
3. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	14
3.1 Haiti e seu contexto histórico.....	14
3.2 Tráfico de migrantes.....	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
4.1 Conteúdo Online: revolução nas fronteiras midiáticas.....	20
4.2 Webdocumentário.....	22
4.3 O mercado dos webdocumentários.....	25
4.4 O uso social dos webdocumentários.....	27
5. METODOLOGIA.....	28
5.1 Couchsurfing.....	28
5.2 O desenvolvimento gráfico.....	28
5.3 Etapas de produção.....	30
5.4 Planilha de gastos.....	31
5.5 O futuro do webdocumentário “Plano Haiti”	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS35

INTRODUÇÃO

O escopo deste trabalho final de graduação é explorar ferramentas oferecidas pela internet, principalmente a narrativa do webdocumentário, para o desenvolvimento de reportagens de cunho social, como a chegada e a integração de haitianos traficados para o Brasil. Veremos neste memorial que a produção de webdocumentários no Brasil é recente e está em plena evolução, como avalia o pesquisador Marcelo Bauer (2011).

O webdocumentário é um produto audiovisual interativo que se faz possível graças à evolução da internet na última década. Ele mistura diversos recursos midiáticos, como vídeos, áudios, textos e infográficos, a fim de transformar o espectador em um agente ativo sobre a leitura da notícia. A não-linearidade do conteúdo proporciona ao internauta uma nova experiência com as informações jornalísticas. Essa linguagem é ainda pouco utilizada pela imprensa brasileira, mas muito explorada por sites de notícia da Europa e da América do Norte, principalmente da França, do Canadá e dos EUA.

Deve-se entender o sucesso dos webdocumentários em países europeus e da América do Norte não apenas como um reflexo da convergência midiática, mas como uma mudança comportamental no perfil dos espectadores. Essa transformação no comportamento do público é objeto de estudo do pesquisador Henry Jenkins em publicações como “Cultura da Convergência” (2009). O público tem colaborado cada vez mais com o trabalho dos jornalistas, principalmente após o avanço tecnológico de celulares e câmeras fotográficas, capazes de registrar cenas e enviar arquivos em instantes. O internauta pede um espaço cada vez mais interativo nos portais de notícia online, onde ele possa comentar, compartilhar fotos e agregar um novo olhar sobre uma reportagem:

Não é segredo que ocorreu uma mudança de paradigma no modo como o mundo consome as mídias. Ouvimos todo aquele discurso apocalíptico. O comercial de 30 segundos morreu. A indústria fonográfica morreu. As crianças não assistem mais à televisão. As velhas mídias estão na UTI. Mas a verdade é que continuam produzindo música, continuam veiculando o comercial de 30 segundos, um novo lote de programas de TV está prestes a estrear, no momento em que escrevo estas linhas – muitos direcionados a adolescentes. As velhas mídias não morreram. Nossa relação com elas é que morreu. Estamos numa época de muitas transformações, e todos nós temos três opções: temê-las, ignorá-las ou aceitá-las. (JENKINS, 2006, p. 10)

Decidiu-se contar a história de haitianos que arriscam suas vidas nas mãos de traficantes em busca de emprego e estudo, por meio da linguagem dos webdocumentários – uma reportagem interativa “que mistura fotografias, vídeos, sons, textos, mapas e elementos gráficos, associados à potencialidade da web participativa”, segundo Samuel Gantier e Laure Bolka (2011, p. 119).

A reportagem foi intitulada como “Plano Haiti – a história de haitianos traficados ao Brasil”. Ela lança mão dos artifícios do webdocumentário para criar maior interatividade com o internauta e lhe oferecer diversas opções de leitura da mesma notícia. O conteúdo pode ser acessado pelo endereço <www.planohaiti.com>.

Os dezessete vídeos compilam depoimentos de vinte personagens para compor uma narrativa única: a rota de imigração dos haitianos. Praticamente todos os personagens contam história semelhante. Alguns com maior riqueza de detalhes, outros com um silêncio doloroso. “Cada um [haitiano] tem uma história para contar. Apesar que, no final, a história de um é a história de todos”, observa Damiano Borges¹, funcionário da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do estado do Acre, e responsável pelo abrigo dos haitianos em Brasiléia (AC).

O webdocumentário ainda traz ao internauta a opção de hiperlinks para complementar os depoimentos dos entrevistados, como informações sobre o terremoto que atingiu o Haiti em 2010. Esse recurso redireciona o leitor para reportagens factuais de diferentes sites de notícia e o permite recapitular acontecimentos citados pelos haitianos.

O webdocumentário não pretende esgotar o assunto da reportagem, mas instigar o leitor a se interessar pela história desses imigrantes. Além disso, este produto pretende contribuir com a integração dos haitianos, ao permitir uma comunicação - mesmo que virtual - entre eles, recém-chegados ao país, e a população brasileira.

1.1 TEMA

O tema do webdocumentário é a história de haitianos traficados ao Brasil e as ações do Poder Público desencadeadas a partir de tal processo de imigração.

¹ Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2013 em Brasiléia, Acre.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

O webdocumentário pretende promover uma reflexão sobre o recente processo migratório de haitianos para o Brasil, por meio de uma plataforma multimídia.

1.2.2 Específicos

- Registrar depoimentos de haitianos que chegam ilegalmente ao país, para que eles possam expressar as vontades e as necessidades que impulsionaram a migração.
- Entender e estimular compreensão do debate acerca da imigração haitiana, sobre a instalação e o futuro dessa população em solo brasileiro.
- Explorar as ferramentas técnicas da internet para criar um produto audiovisual com características inovadoras e atraentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

O produto tenta promover a interação entre brasileiros e haitianos, baseado no pressuposto de que matérias factuais não esgotam a complexidade da temática do tráfico de haitianos, que envolve um importante processo social. Para o diretor da ADITAL², Ermanno Allegri, “encontramos mais notícias e menos reportagens” sobre a temática do tráfico de pessoas. “[...] Isto é, mais descrição de acontecimentos e menos aprofundamento da problemática. Isso pode deturpar a compreensão do problema, e transformá-lo em curiosidade ou em ‘caçada policial’”. (2012, p. 112).

Durante a apuração da reportagem, notou-se que grande parte do descontentamento de brasileiros acerca da imigração haitiana decorre de um problema comunicacional. Os haitianos chegam e se agrupam entre seus semelhantes, tentando não "atrapalhar" a rotina dos nativos. Da mesma forma, brasileiros evitam a interação por medo do diferente, do estrangeiro.

² Agência de Informação Frei Tito de Alencar para América Latina

Em entrevista³ disponível no webdocumentário “Plano Haiti”, o secretário de Direitos Humanos e Justiça do estado do Acre relata a reação dos habitantes de Brasiléia (AC) com a chegada dos haitianos. “A população de Brasiléia ficou ‘admirada’ vendo aquele número de pessoas, todos negros, vindos do Haiti. Chamava a atenção”. Mesmo após dois anos de coexistência com os haitianos, os habitantes da cidade continuam a observá-los com maus olhos, segundo o secretário. “A população de Brasiléia se encontra exaurida e cansada da presença de tantos imigrantes estrangeiros na sua área urbana”, contou à reportagem.

O motivo dessa intolerância e falta de aderência entre os dois grupos decorre de uma falha na comunicação de ambos. Eles não se conhecem, não se misturam; apenas coexistem em uma mesma área urbana. Durante a apuração, era comum encontrar brasileiros que diziam: “um conhecido meu falou com alguns haitianos, e me disse que eles são limpinhos, boa gente, e até usam roupa social nas entrevistas de emprego”. Essas pessoas afirmavam nunca ter conversado com algum dos imigrantes – mesmo morando há poucos metros do alojamento – e se mostravam desinteressadas pela história deles.

O problema de comunicação entre os dois grupos também acontece devido às diferentes línguas faladas por ambos, fato que atrapalha inclusive o governo durante as ações humanitárias. Todos os haitianos falam crioulo, muitos falam francês e pouquíssimos dominam o espanhol – não há dados oficiais sobre as línguas faladas dentro do acampamento.

Dominique Wolton destaca a coabitação cultural como um dos maiores empecilhos para estabelecer a comunicação nos tempos modernos. O progresso técnico, em termos de suporte e mídia – como a criação da internet, telefonia via rádio e etc -, acaba aproximando com mais agilidade emissores e receptores com maiores contrastes culturais, de qualquer parte do globo terrestre. Isto posto, é preciso que haja uma disposição mútua de compreensão entre eles, pois “a identidade não é mais o obstáculo para a comunicação, mas sua condição” (2004, p. 20).

³ Entrevista concedida no dia 19 de maio de 2013, em Rio Branco (AC)

“A comunicação bem-sucedida não conduz ao domínio do ‘mesmo’, mas sim ao do ‘diferente’. E esse horizonte da *alteridade* e da *incomunicação* constitui, provavelmente, a definição, a beleza da comunicação, limitando assim as imagens um pouco simplistas de um mundo de semelhanças. [...] Em outras palavras, contribuir para salvar o paradigma da comunicação também é contribuir para preservar o que se lhe segue e talvez seja o último valor à nossa disposição: a humanidade”. (WOLTON, 2004, p. 482)

Deve-se ressaltar que “informação não cria comunicação” (p. 15), como observa o Wolton, e “é a interação mesmo que define a comunicação” (p. 31). Para isso, a internet foi escolhida como mídia deste produto de comunicação, para que a interação com os haitianos não seja estabelecida apenas pela comunidade de Brasília, mas por qualquer internauta, independentemente de sua posição geográfica. A partir de então, houve a busca inicial por um formato atraente – posto que no espaço da web os usuários se comportam de maneira ativa, à procura do que lhes interessa - e inovador – pois o projeto compõe um trabalho acadêmico de pesquisa. Nesse sentido, buscou-se adaptar a reportagem para o universo dos webdocumentários, artifício ainda pouco explorado por veículos de comunicação no Brasil.

Este trabalho se utiliza de um gênero hodierno do audiovisual na tentativa de construir uma plataforma com informações pautadas nos Direitos Humanos, levando em conta que “se tráfico de pessoas é um crime, migrar é um direito” (DIAS; SPRANDEL, 2012. p. 93). E é nessa perspectiva, de mostrar cidadãos em busca de Direitos Humanos, que este webdocumentário buscou ganhar forma, foco e força.

2. CONSIDERAÇÕES PARA A LEITURA

2.1 O termo “webdocumentário”

Neste memorial, utilizaremos a grafia "webdocumentário", por ser a mais encontrada na literatura científica brasileira utilizada como base deste referencial teórico. O mesmo termo também pode ser encontrado nas grafias "web-documentário", "web documentário" e "webdoc".

“O neologismo ‘web documentário’ - palavra composta cuja sintaxe varia com ou sem o hífen, de acordo com as fontes - formada etimologicamente por um meio e um gênero cinematográfico.

Sua aparição estaria no início dos anos 2000, ou seja, cinco a seis anos após o lançamento da internet discada na França”⁴ (GARTIER; BOLKA, 2011, p. 119). (tradução nossa)

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1 Haiti e seu contexto histórico

A primeira invasão do território haitiano aconteceu em 1492 pelos espanhóis, liderados pelo navegador Cristóvão Colombo. Em 1697, o Tratado de Ryswick – assinado após o fim da Guerra dos Nove Anos - cedeu o território à França. O Haiti foi uma das mais ricas colônias francesas de exploração durante o século XVIII, graças à exportação de açúcar. No fim deste século, porém, uma rebelião de escravos mudou os rumos do país. No ano de 1794, os escravos conseguiram abolir a escravidão. Dez anos mais tarde, a população haitiana conquistou a independência da França, tornando-se o primeiro país latino-americano independente de sua colônia.

Apesar da mudança política, não houve grandes avanços na estrutura econômica do Haiti. Devido à sua localização comercialmente estratégica no oceano Atlântico, a ilha foi alvo de sucessivos golpes políticos, até tornar-se um dos países mais pobres e violentos do mundo. “A sua posição geográfica no Caribe era estratégica e ante a possibilidade de ‘contaminação’ das outras nações da região por um movimento de libertação, o Haiti sofre um bloqueio econômico e comercial que irá durar 20 anos” (FERNANDES; MILESI; FARIAS, 2011, p. 78).

A fragilidade política interna permitiu sucessivas tentativas de invasão. Os EUA ocupou o país entre 1915 e 1934. Anos mais tarde, em 1957, uma ditadura foi instalada no Haiti pelo tirano François Duvalier, conhecido como Papa Doc. Depois de sua morte, o filho Jean-Claude Duvalier, chamado de Baby Doc, assumiu o poder. Ainda em vida, atualmente, Jean-Claude responde a processos na Justiça por crimes contra a humanidade e corrupção⁵. Em 1990, as eleições diretas trouxeram Jean-Bertrand Aristide ao poder.

⁴ Le néologisme « web documentaire » – mot composé dont la syntaxe varie avec ou sans tiret selon les sources – accole étymologiquement un médium à un genre cinématographique. Son apparition remonterait au début des années 2000, c’est-à-dire cinq à six ans après le lancement d’Internet en bas débit en France.

⁵ “Depois de faltar a três audiências, Baby Doc nega crimes e diz que fazia justiça no Haiti”. Reportagem publicada pela Agência Brasil em 1º de março de 2013. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2013-03->

A democracia haitiana nasceu há um instante. No seu breve tempo de vida, esta criatura faminta e doentia não recebeu senão bofetadas. Era uma recém-nascida, nos dias de festa de 1991, quando foi assassinada pela quartelada do general Raoul Cedras. Três anos mais tarde, ressuscitou. Depois de haver posto e retirado tantos ditadores militares, os Estados Unidos retiraram e puseram o presidente Jean-Bertrand Aristide, que havia sido o primeiro governante eleito por voto popular em toda a história do Haiti e que tivera a louca ideia de querer um país menos injusto. (GALEANO, 2010⁶)

Bertrand foi deposto por um golpe militar meses depois de assumir o poder. Mais uma vez sob o controle de uma ditadura, o Haiti passou a preocupar a Organização das Nações Unidas, a ONU, que autorizou uma intervenção militar supranacional no país, com o intuito de redemocratizá-lo. As tropas seriam lideradas pelos EUA, mas uma negociação entre o governo haitiano e o estadunidense evitou a ação das forças da ONU.

Em julho de 1994, o Conselho de Segurança autorizou, pela resolução 940 (1994), o envio de uma força multinacional de 20 mil membros para facilitar o rápido retorno das legítimas autoridades haitianas, manter a segurança e estabilidade dentro do país, e promover o estado de direito. A força multinacional foi seguida por uma série de missões sucessivas das Nações Unidas de 1994 a 2001. Dentre elas a MINUHA, que assumiu todas as suas funções em março de 1995, a Missão de apoio das Nações Unidas no Haiti (MANUH), a Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti (MITNUH) e a Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti (MIPONUH)⁷⁸. (tradução nossa)

Em 1996, René Preval assumiu um governo de transição, porém deixou o cargo após denúncias de fraude. Jean-Bertrand retornou à presidência do Haiti, em 2000, mas foi deposto quatro anos mais tarde. Em 1º de junho de 2004, a ONU teve de intervir no país para reestabelecer a ordem, pois os problemas internos já traziam graves consequências à economia. A

[01/depois-de-faltar-tres-audiencias-baby-doc-nega-crimes-e-diz-que-fazia-justica-no-haiti](#)>. Acessada em: 4 setembro 2013.

⁶ Artigo publicado no site da revista Carta Capital em 19 de janeiro de 2010. Disponível em:

<http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16342>. Acessado em: 8 julho 2013.

⁷ En juillet 1994, le Conseil de sécurité a autorisé, par sa résolution 940 (1994), le déploiement d'une force multinationale de 20 000 membres pour faciliter le retour rapide des autorités haïtiennes légitimes, maintenir la sécurité et la stabilité dans le pays et promouvoir l'état de droit. La force multinationale a été suivie par une série de missions successives des Nations Unies de 1994 à 2001, dont notamment la MINUHA qui a assumé l'intégralité de ses fonctions en mars 1995, la Mission d'appui des Nations Unies en Haïti (MANUH), la Mission de Transition des Nations Unies en Haïti (MITNUH) et la Mission de Police civile des Nations Unies en Haïti (MIPONUH).

⁸ Informação disponível no site oficial da Minustah. Disponível em: <<http://www.minustah.org/la-mission/historique/>>. Acessado em 8 julho 2013.

ação das Nações Unidas foi denominada como Minustah, Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti. Essa missão especial é liderada pelo exército brasileiro.

No início de fevereiro de 2004, um conflito armado estourou dentro da cidade de Gonaives e os combatentes alcançaram outras cidades alguns dias mais tarde. Os insurgentes tomaram o controle progressivamente de uma parte do norte do país. Apesar dos esforços diplomáticos, a oposição armada ameaçou chegar até a capital haitiana. Na manhã de 20 de fevereiro, o presidente Aristide deixou o país. O primeiro ministro, Yvon Neptune, leu sua carta de demissão. Dias mais tarde, Boniface Alexandre, presidente da Suprema Corte, foi empossado como presidente interino, conforme os dispositivos constitucionais que regem a sucessão. Em 29 de fevereiro, à noite, o representante permanente do Haiti na ONU apresentou um pedido de assistência emitido pelo presidente interino, pela qual uma autorização era dada às tropas internacionais de entrar no Haiti⁹ ¹⁰. (tradução nossa)

De acordo com o Conselho de Segurança da ONU, a Minustah representa o principal envolvimento do Brasil em operações de manutenção da paz. "De 2004 a fevereiro de 2010, o Brasil manteve contingente de 1200 militares, com rotação semestral. Após o terremoto, passou a manter contingente de 2.100 militares no terreno. Desde o início da participação brasileira até hoje, mais de 13 mil militares brasileiros tiveram experiência no Haiti"¹¹.

Para agravar ainda mais a situação, um terremoto de 7,3 graus de magnitude na escala Richter atingiu o país no dia 12 de janeiro de 2010. Mais de 200 mil pessoas morreram na tragédia e 1,5 milhão ficaram desabrigadas. Um ano após o terremoto, a capital Porto Príncipe continuava sob os destroços. Apenas 5% dos escombros haviam sido retirados da cidade um ano depois a tragédia, de acordo com a ONG Oxfam.¹²

⁹ Au début de février 2004, un conflit armé a éclaté dans la ville des Gonaïves et les combats ont touché quelques jours plus tard d'autres villes. Les insurgés ont progressivement pris le contrôle d'une grande partie du nord du pays. Malgré les efforts diplomatiques, l'opposition armée a menacé de marcher sur la capitale haïtienne. Tôt le matin, le 29 février, M. Aristide a quitté le pays. Le Premier Ministre, Yvon Neptune, a donné lecture de sa lettre de démission. Quelques heures plus tard, Boniface Alexandre, Président de la Cour suprême, a prêté serment comme Président intérimaire, conformément aux dispositions constitutionnelles régissant la succession. Le 29 février au soir, le Représentant permanent d'Haïti auprès de l'Organisation des Nations Unies a présenté la demande d'assistance du Président intérimaire, par laquelle l'autorisation était donnée aux contingents internationaux d'entrer en Haïti.

¹⁰ Informação disponível no site oficial da Minustah. Disponível em: <<http://www.minustah.org/la-mission/historique>>. Acessado em: 13 julho 2013.

¹¹ Disponível em : <<http://www.brasil-cs-onu.com/brasil-no-conselho-de-seguranca-da-onu/>>. Acessado em: 05 setembro 2013.

¹² Disponível em: <<http://www.oxfam.org/>>. Acessado em 03 agosto 2013.

Durante todas essas crises internas, a população haitiana encontrou na emigração uma forma de fugir dos efeitos de uma economia e uma política instáveis. A instituição *The Schomburg Center for Research in Black People*, de Nova Iorque, estima que mais de um milhão de haitianos vivem na vizinha República Dominicana. Grande parte dessa população estaria empregada nas lavouras canavieiras.

Embora o senso comum aponte os Estados Unidos como o país de maior destino de haitianos, pesquisadores da *Schomburg Center* avaliam que o fluxo dessa população destina-se a países de maior proximidade cultural e linguística, como França e Canadá.

Crianças haitianas das classes média e alta têm tradicionalmente frequentado escolas na França; e opositores tentaram deixar o país após mudanças no controle do poder. Mas durante muito tempo, alguns haitianos vieram aos Estados Unidos. Apesar da imagem comum de que imigrantes querem vir para os EUA, a realidade é que o fluxo de imigrantes é direcionado a países que possuem aproximações culturais, políticas e econômicas. As ligações do Haiti e a maioria do fluxo de imigração têm sido feitos tradicionalmente com a França, juntamente com países africanos francófonos (mais de 1.500 tinham se instalado nessas áreas em 1963) e Canadá. Até o final da década de 1950, apenas cerca de quinhentos haitianos imigravam permanentemente para os EUA a cada ano, enquanto outros 3.000 vinham temporariamente como turistas, estudantes ou empresários^{13 14}. (tradução nossa)

A pressa para chegar noutro país faz com que muitos haitianos se submetam à ilegalidade. Por meio de coites (traficantes de pessoas), ou mesmo sozinhos, arriscam suas vidas nas fronteiras. “Entre 1972 e 1981, o United States Immigration And Naturalization (INS) relatou a entrada de mais de 55 mil haitianos na Flórida (EUA) por meio de barcos. O INS estimou essa quantidade após notar que cerca de metade das entradas escapavam do monitoramento”¹⁵ (HAGGERTY, 1989¹⁶). Essa instituição americana ainda mensura que a

¹³ The children of Haiti's small middle and upper classes have traditionally attended schools in France; and political opponents have tended to leave the country after power changes hands. But for a long time, few Haitians came to the United States. In spite of the popular image that all immigrants want to come to America, the reality is that immigrant flows are directed toward the countries with which they have the closest cultural, political, and economic ties. Haiti's links and largest immigration flows have traditionally been to France, along with French-speaking African countries (more than 1,500 had settled there by 1963) and Canada. Until the late 1950s, only about five hundred Haitians permanently immigrated to the U.S. each year, while another 3,000 came temporarily as tourists, students, or businesspeople.

¹⁴ Artigo publicado no site da instituição *The Schomburg Center for Research in Black People*. Disponível em: <<http://www.inmotionaame.org/print.cfm?migration=12>>. Acessado em: 9 julho 2013.

¹⁵ "Between 1972 and 1981, the United States Immigration and Naturalization Service (INS) reported more than 55,000 Haitian "boat people" arrived in Florida. The INS estimated that because as many as half of the arrivals

quantidade de haitianos que chegaram pelo mar nos EUA ultrapassa os 100 mil, sendo que muitos morreram no caminho.

3.2. Tráfico de migrantes

A pauta do tráfico de pessoas era “praticamente inexistente no Brasil” (DIAS; SPRANDEL, 2012, p. 93) em 2004, quando o país ratificou a Convenção de Palermo. Esta convenção tinha como objetivo coibir o crime organizado transnacional e criou uma diferenciação entre os termos “tráfico ou contrabando de migrantes” e “tráfico de pessoas”. O tráfico de migrantes é definido como a obtenção de benefício material ou financeiro a partir da promoção da entrada ilegal de uma pessoa em um Estado da qual esta não seja nacional ou residente permanente. Enquanto o tráfico de pessoas é classificado como o transporte, recrutamento, transferência, alojamento ou acolhimento de pessoas, a fim de exploração. No cotidiano, porém, muitos pesquisadores não costumam adotar essa definição e aglutinam ambos os termos em “tráfico de pessoas”.

O combate ao tráfico de migrantes no Brasil intensificou-se recentemente, em 2001, a partir de uma cooperação técnica internacional criada entre o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime (UNODC) e a Secretaria Nacional de Justiça. A luta ganhou força em 2002 após o lançamento de uma pesquisa do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA) que desbaratinou redes de tráfico de pessoas e exploração sexual. O relatório apontou que essas redes de tráfico eram feitas principalmente com países Europeus, como Espanha e Suíça.

escaped detection, the actual number of boat people may have exceeded 100,000. An unknown number of Haitians are reported to have died during their attempts to reach the United States by sea."

¹⁶ Disponível em: <<http://countrystudies.us/haiti/22.htm>>. Acessado em: 10 julho 2014.

Na sequência houve a ratificação, em 2004, do protocolo de Palermo, instrumento internacional de combate ao crime, que induziu o planejamento e implementação de ações e políticas públicas focadas em três eixos: prevenção, repressão e atendimento às vítimas. Esse processo desencadeou a aprovação da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em 2006, que estabeleceu as diretrizes nacionais para o combate ao crime e foi construída a várias mãos, com o esforço dos órgãos públicos e da sociedade civil. Em seguida, veio a aprovação do I Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, aprovado pelo Decreto n° 6.347, de 8 de janeiro de 2008. Ambos os documentos passaram a exigir uma ação integrada entre os diversos Ministérios, além da cooperação com outros poderes, entes federados e sociedade civil. (ANJOS; OLIVEIRA, 2012, p. 79)

Outro importante marco do combate ao tráfico de pessoas foi a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do tráfico nacional e internacional de pessoas, no Senado Federal, em 2011. Apesar do esforço acumulado, é preciso atualizar a legislação interna que trata da permanência e do acolhimento de imigrantes. “[...] A atual Lei Migratória do Brasil, o chamado Estatuto dos Estrangeiros, é de 1980 e encontra-se totalmente defasado” (ALMEIDA, 2012, p. 43), avalia o presidente do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), Paulo Sérgio de Almeida.

De acordo com Almeida (2012), as migrações internacionais estão constantemente ligadas à pobreza, à exclusão social, ao desemprego, à falta de oportunidades e à desigualdade entre países e regiões. O presidente do CNIg observa que a pobreza, em muitos casos, torna a migração mais do que uma opção pessoal; uma questão de sobrevivência. Por essa necessidade é que muitas pessoas se arriscam em rotas do tráfico, nas mãos de coiotes.

Por outro lado, devido aos câmbios demográficos, às mudanças na divisão do mercado de trabalho e nos processos produtivos, muitos países demandam trabalhadores imigrantes das mais variadas qualificações, especialmente para trabalhos que suas próprias populações não têm mais interesse em realizar ou ainda em trabalhos domésticos e ligados aos “cuidados” (de idosos, de crianças e etc). Essa demanda alimenta fluxos migratórios que, por não encontrarem opções de migração regular, acaba por estimular a criação de redes de facilitadores do processo migratório, onde se alojam tanto o tráfico de migrantes, quanto ao tráfico de pessoas, gerando ainda uma grande população de migrantes indocumentados, principalmente mulheres e homens trabalhadores. (ALMEIDA, 2012, p. 44-45)

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Conteúdo Online: revolução nas fronteiras midiáticas

O jornalismo vive uma transformação substancial neste início do século XXI. O declínio na venda de veículos impressos, o crescimento dos jornais locais, o enxugamento de redações e a criação de novas plataformas midiáticas têm impulsionado as empresas a buscar diferentes formas de se aproximar do público e a oferecê-lo conteúdo personalizado.

Empresários da informação veem na internet um novo modelo de negócio para o mercado de notícias. Quase cinco anos antes de seu falecimento, Roberto Civita declarou, em entrevista para o site *Jornalistas&Cia*, que a área prioritária de investimento do Grupo Abril, um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina, seria a internet. Nesta época, Civita ocupava os cargos de presidente do Conselho de Administração e diretor editorial da empresa. Segundo ele, a web mudou a forma como as notícias são pautadas, além de modificar o modelo de busca e interação entre o público e o conteúdo jornalístico:

Vamos dizer assim: não dá mais para estar na mídia sem internet. Não dá mais para falar de informação, comunicação e entretenimento sem falar de internet. Internet é a maior revolução na área de comunicação desde Gutenberg. Ponto. Ou você está lá ou morre. [...] A interatividade é a essência da internet e ela muda tudo. Por quê? Nos bons tempos, havia 20, 30 jornais e 30 ou 50 revistas no País, cinco ou seis canais de televisão, centenas de rádios e acabou! Era isso. E quem decidia o que o público ia ver, ouvir, ler e saber eram poucas centenas de pessoas. Poucas, os chamados *gatekeepers*. E hoje, como é? Hoje, há milhões de pessoas determinando o que você vai ler, ver, ouvir. Milhões. E o controle disso passou de nós para o público. Esta é a revolução. Sendo que eles decidem o que querem ler, quando querem, de que jeito querem, no celular ou no *laptop*, ou imprimem, porque querem ler impresso.¹⁷

O mercado da internet evoluiu nas últimas décadas. O consumo potencial do brasileiro na web também se expandiu. Em 2013, o Brasil foi um dos países analisados pelo relatório “Tracking the Future of News”¹⁸ da *Reuters Institute for the Study of Journalism*. A pesquisa foi

¹⁷ A entrevista concedida por Roberto Civita faz parte da série ‘Protagonistas da Imprensa Brasileira’ do portal *Jornalistas&Cia*. O material foi publicado em 30/07/2007. A entrevista foi feita pelos jornalistas Eduardo Ribeiro, Manoel Carlos Chaparro e Wilson Baroncelli. Disponível em:

<<http://www.jornalistasecia.com.br/protagonista09.htm>>. Acessada em: 13 julho 2013.

¹⁸ Relatório publicado na página oficial da *Reuters Institute*. Disponível em:

elaborada no cerne do Departamento de Políticas e Relações Internacionais da Universidade de Oxford, e comparou o desenvolvimento da indústria de notícias em nove países: Brasil, Reino Unido, Alemanha, Espanha, Itália, França, Dinamarca, Estados Unidos e Japão.

De acordo com os resultados, o Brasil é o país onde o público mais tem o hábito de pagar para ter acesso a conteúdos online. Do total de entrevistados, 24% afirmou ter pagado para consumir algum tipo de notícia pela internet no último ano. Dentre os que não fizeram qualquer tipo de remuneração, 58% declarou estar propenso a fazer tal investimento no futuro “em fontes que gostam”.

O estudo do Instituto Reuters ainda mostra que 64% dos entrevistados brasileiros, na semana anterior à pesquisa, acessaram notícias que continham recursos de áudio e vídeo.

A internet acelerou o processo de integração entre os meios de comunicação. Ela possibilitou o condensamento de diferentes suportes de mídia em um mesmo aparelho, de forma a propiciar maior interação entre o conteúdo e o consumidor. Criou-se, assim, uma *cultura da convergência* gerada por transformações tecnológicas, culturais, sociais e mercadológicas. Henry Jenkins (2006, p. 29) entende o termo “convergência” como um “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia”, a “cooperação entre múltiplos mercados midiáticos” e o “comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão à quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam”.

Jenkins, porém, manifesta-se contrário à ideia de que a convergência tenha como principal fator o processo tecnológico, capaz de integrar diversas funções dentro de um mesmo produto:

“A convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. [...] A expressão ‘cultura participativa’ contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar em produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo” (JENKINS, 2006, p.29-30)

Jenkins (2006, p. 37) aponta o cientista político Ithiel de Sola Pool como o primeiro pesquisador a abordar o conceito de convergência dos meios de comunicação. Pool, em sua obra

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/fileadmin/documents/Publications/Working_Papers/Digital_News_Report_2013.pdf>. Acessado em 14 julho 2013.

Technologies of Freedom, publicada em 1983, analisou a dissolução das fronteiras entre o correio, o telégrafo e o telefone, classificando tal processo como “convergência de modos”. Segundo este autor, “a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está se corroendo”, poder capaz de transformar as indústrias midiáticas. A internet, assim, acelerou tal processo e diminuiu ainda mais as fronteiras que existiam entre diversas plataformas de mídia.

4.2 Webdocumentário

O webdocumentário é um produto audiovisual que lança mão dos artifícios proporcionados pela convergência entre mídias, oferecida pela internet. Samuel Gantier e Laure Bolka (2011, p. 119) definem o webdocumentário como "um filme interativo que mistura fotografias, vídeos, sons, textos, mapas e elementos gráficos, associados à potencialidade da web participativa (fóruns sociais, chats, geolocalização, base de dados e etc)"¹⁹. (tradução nossa)

Para a produtora multiplataforma *Cross Content*, que promove e executa projetos transmídia no Brasil, "o webdocumentário se aproveita da linguagem documental criada para o cinema e para a televisão e a adapta para a web. Acrescenta a capacidade de interação e participação típicas da web e rompe com a linearidade da narrativa, já que o internauta pode escolher o que ver e em que ordem ver"²⁰.

Marcelo Bauer (2011, p. 92) analisa que, apesar do webdocumentário possibilitar um diálogo com outras mídias, “como a televisão tradicional ou os telefones móveis, por meio de versões especificamente pensadas para essas plataformas”, tal produto não pode ser classificado como um dispositivo *cross-media*, por ser um projeto concebido e difundido dentro de um mesmo suporte: a internet.

O pesquisador toma como base a classificação expressa pela empresa britânica *Power to the Pixel*, especializada em encontrar formatos inovadores de criação, financiamento e distribuição transmídia para indústrias cinematográficas e midiáticas. De acordo com a *Power to the Pixel*, projetos *cross-media* ou *transmidia* são definidos como produtos que "levam histórias

¹⁹ Le web documentaire est un film interactif qui mélange des photographies, vidéos, sons, textes, cartes et éléments graphiques, associés aux potentialités du web participatif (forums sociaux, chat, géo-localisation, bases de données, etc).

²⁰ Conteúdo disponível no site “Webdocumentário” da Cross Content. Disponível em: <<http://www.webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/sobre-este-site>>. Acessado em: 10 julho 2013.

para audiências por meio de um leque de plataformas de mídia"²¹ (GUBBINS, 2011, p.4)²².
(tradução nossa)

O gênero webdocumentário têm se expandido graças a influências da indústria digital no processo de criação. Bauer (2011) avalia que a confecção desse tipo de produto tem aumentado devido à maior acessibilidade aos meios de captação e edição de imagem. A popularização de celulares equipados com câmeras e o barateamento do preço de computadores – softwares, processadores, programas – têm permitido a entrada de mais autores no mercado.

A indústria digital também impactou positivamente nas formas de distribuição de conteúdos audiovisuais, antes muito restritos ao cinema e à televisão. Para Bauer (2011), três principais fatores contribuíram ao processo de distribuição: a popularização da internet em banda larga, as mudanças nos hábitos de consumo audiovisual dos telespectadores e o crescimento do uso de dispositivos portáteis.

Com o mercado de webdocumentários passa por um processo de desenvolvimento – e de nascimento, no Brasil -, alguns estudiosos já estabeleceram uma classificação para tais produtos. Um estudo do grupo canadense *Observatoire Du Documentaire* faz a distinção de dois tipos de webdocumentários: os participativos e os interativos.

Os webdocumentários interativos possuem uma produção fechada em relação ao conteúdo. Ou seja, o espectador/leitor pode criar o seu próprio caminho de leitura, mas não consegue criar/acrescentar conteúdo nesse projeto. As alterações na obra são exclusivas ao seu produtor. Enquanto nos webdocumentários participativos o internauta é capaz de contribuir com o conteúdo do projeto. Ele pode deixar mensagens, enviar fotos, vídeos e outros conteúdos pessoais.

Bauer destaca dois aspectos transversais aos webdocumentários participativos e interativos. O primeiro deles é a não-linearidade narrativa. “Nesse estilo narrativo, a ordem de acesso às informações [a ordem de leitura] não foi previamente estabelecida ou foi apenas parcialmente estabelecida pelo produtor. Assim, ela pode ser ditada ou parcialmente ditada pelo consumidor, por meio de suas escolhas ao interagir com a interface”. A não-linearidade permite

²¹ This report uses the term “cross-media” rather than “transmedia” to describe projects which take stories to audiences across a range of media platforms.

²² Relatório “The Think Tank” disponível no site oficial da empresa Power to Pixel. Disponível em: <<http://thepixelreport.org/wp-content/uploads/2011/03/ThinkTank2011hiquial.pdf>>. Acessado em: 10 julho 2013.

uma variação no caminho de leitura segundo as preferências do internauta, que pode escolher quais trechos assistir/ler primeiro.

Essa característica não-linear, porém, deve ser entendida ao se analisar o conteúdo total do webdocumentário, pois o internauta não consegue modificar os pequenos trechos de vídeo, áudio e texto disponíveis em um projeto interativo. A não-linearidade, portanto, refere-se à sequência de leitura dos subtemas do webdocumentário.

As diferentes formas de expressão de um webdocumentário seria o segundo aspecto transversal aos projetos participativos e interativos. A mistura de fotos, vídeos, áudio, infográficos, hiperlinks e outros recursos audiovisuais são inerentes a ambos os tipos de projetos, de acordo com Bauer. Ressalta-se que um webdocumentário, em si, não precisa lançar mão de todos esses recursos, mas os possui potencialmente, de acordo com a sua necessidade.

Para criar um espaço harmônico de integração a tantos mecanismos audiovisuais, faz-se necessária uma atenção maior ao *design* do projeto. Além de possuir uma estética chamativa, que traduza o conteúdo jornalístico em imagens e sensações, o *design* da obra precisa ser simples o suficiente para que o internauta não encontre problemas ao navegar pelo webdocumentário. É o *design* que dará ao espectador as ferramentas necessárias para que este assuma uma postura ativa diante do projeto:

Contribuir na elaboração de um visual interativo capaz de prender a atenção do leitor ao rivalizar com a velocidade dos tempos que correm via internet é uma das tarefas do design no web-documentário. Não é uma tarefa fácil diante dos novos hábitos de leitura proporcionados pelo ambiente digital, que permite a realização de multitarefas particularmente aos mais jovens que nasceram na era da internet e mantém uma relação com as mídias, as tecnologias e a informação bem diferente dos mais velhos. (FREIRE; BARBALHO, 2012)

Um webdocumentário, apesar de mostrar uma visão mais aprofundada sobre determinado tema, não tenta esgotar o mesmo. Nesse sentido, este trabalho não propõe a substituição de matérias factuais online por produções mais elaboradas, mas uma parceria complementar entre ambas. Não podemos desconsiderar o fato de que o internauta demanda um mercado em que as notícias sejam veiculadas no calor do momento. Este projeto, assim, tenta esboçar uma alternativa à forma como o jornalismo pode se adaptar ao universo da web.

Como acontece na página web do jornal Le Monde²³, existe uma editoria específica para webdocumentários. Ali, fica claro para o leitor que o conteúdo não é de leitura rápida, nem se preocupa com o respeito ao *lead*. Assim, se o internauta busca uma linguagem mais direta e simples sobre determinado assunto, ele deve se dirigir às outras editorias do jornal.

"A relação entre jornalismo e documentário se dá quando a notícia ajuda no encadeamento da narrativa documental, sendo por isso utilizada com frequência nos documentários. Se já existe um material que sintetiza o lead, recorrer a ele pode ser uma eficaz estratégia para agilizar a narrativa do documentário, que deverá se preocupar com outros porquês". (SOUZA, 2009, p. 164)

Dessa forma, o webdocumentário é livre para mostrar a notícia de um ângulo diferente, muitas vezes pouco abordado pelas matérias factuais, que costumam se preocupar com o respeito ao lead, principalmente.

4.3 O mercado de webdocumentários

A produção de webdocumentários no Brasil é ainda muito fraca se comparada a outros países. Sandra Gaudenzi, docente da *London College of Media* e pesquisadora no ramo de documentários interativos, participou da primeira conferência sobre webdocs da Espanha, realizada em maio de 2013 durante o Festival Internacional Docsbarcelona. Em entrevista²⁴ a um dos maiores blogs franceses sobre documentários, o "Le Blog Documentaire", ela afirmou que os principais polos de produção de webdocumentários são a França e o Canadá, graças aos investimentos feitos no setor. Porém, em traços gerais, cada país utiliza tal recurso de forma diferente. "Os franceses querem desenvolver um gênero, e produzir uma arte. Os canadenses possuem uma cultura histórica de documentários e querem expandi-la para dentro do mundo digital"²⁵. (tradução nossa)

Nesse ritmo de expansão, emissoras de televisão também enxergam no webdocumentário uma forma de ampliar seus negócios, pois a internet se transforma em um espaço de promoção de seus programas televisivos. A maioria dessas emissoras, porém, não se mostram interessadas em

²³ Disponível em: <www.lemonde.fr>. Acessado em: 13 julho 2013.

²⁴ Disponível em: <<http://cinemadocumentaire.wordpress.com/2013/07/10/le-monde-du-webdoc-decrypte-par-sandra-gaudenzi/>>. Acessado em : 17 julho 2013.

²⁵ "Les Français veulent développer un genre, et produire de l'art. Les Canadiens, eux, ont une culture historique du documentaire et veulent la poursuivre dans le monde digital".

desenvolver um novo gênero para o webdocumentário, mas apenas em complementar seus produtos televisivos:

Os sites que acompanham os documentários de TV tem o objetivo preciso, por exemplo, de lançar uma chamada. Alguns exemplos como “Embarrassing bodies”, uma série de documentários do Canal 4 sobre má formação de corpos, se beneficiou de uma visibilidade na internet para pedir que o público reagisse em relação ao conteúdo do documentário. A web permite aos espectadores fazer confissões no anonimato e lhes trazer experiência sobre o assunto em debate. Trata-se de se servir da internet como um complemento, mais do que criar um novo gênero (GAUDENZI, 2013)²⁶. (tradução nossa)

Grandes jornais da França encontraram no webdocumentário uma nova forma de atrair o público. E empresas da informação, como o Le Monde²⁷, France 24²⁸, Libération²⁹ e France Télévisions³⁰, já criaram uma editoria especial de webdocumentários em suas páginas na web. A Radio France Internationale, em parceria com a France 24, possui inclusive uma premiação³¹ anual para os melhores webdocumentários de língua inglesa e francesa. A premiação existe desde 2009.

No Brasil, dentre os cinco principais sites de informação³² - Uol³³, Globo.com³⁴, Yahoo³⁵, IG³⁶ e Terra³⁷ - nenhum possui uma editoria fixa de webdocumentários, como acontece na França.

²⁶ Les sites qui accompagnent les documentaires TV ont un but très précis, par exemple pour lancer une pétition. Des exemples comme Embarrassing bodies, une série documentaire de Channel 4 sur les malformations corporelles, a bénéficié d’une visibilité sur le web pour demander à l’audience de réagir par rapport au contenu documentaire. Le web permet aux spectateurs de témoigner dans l’anonymat et d’apporter leur expérience sur le sujet au débat. Il s’agit de se servir du net comme d’un complément plutôt que de créer un nouveau genre.

²⁷ Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/webdocumentaires>>. Acessado em: 13 julho 2013

²⁸ Disponível em: <<http://www.france24.com/fr/webdocumentaires>>. Acessado em: 13 julho 2013.

²⁹ Disponível em: <<http://www.liberation.fr/webdocumentaire,99916>>. Acessado em: 13 julho 2013.

³⁰ Disponível em: <<http://www.francetv.fr/nouvelles-ecritures/banlieue-b4/#>>. Acessado em: 13 julho 2013.

³¹ Disponível em: <<http://www.rfi.fr/contenu/prix-webdocumentaire>>. Acessado em 13 julho 2013.

³² Ranking baseado nas pesquisas da empresa de ciber-informação Alexa, que mede o tráfico global da internet. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acessado em 13 julho 2013.

³³ Disponível em: <www.uol.com.br>. Acessado em: 13 julho 2013.

³⁴ Disponível em: <www.globo.com>. Acessado em: 13 julho 2013.

³⁵ Disponível em: <www.yahoo.com>. Acessado em: 13 julho 2013.

³⁶ Disponível em: <www.ig.com.br>. Acessado em: 13 julho 2013.

³⁷ Disponível em: <www.terra.com.br>. Acessado em: 13 julho 2013.

4.4 O uso social dos webdocumentários

Mais que um artifício da informação, o webdocumentário pode ser um veículo utilizado para contribuir com mudanças sociais e reunir internautas interessados pelas mesmas lutas. O projeto “Invisible People”³⁸, por exemplo, conta a história de moradores de rua. O internauta passa a conhecer a rotina de pessoas socialmente marginalizadas. A tela do computador, assim, cria uma experiência sensorial entre o personagem e o internauta. O *design* da página inicial do webdocumentário oferece um mosaico de cidadãos ao espectador. Todos são moradores de rua e narram sua rotina, hábitos, sonhos.

Após criar essa aproximação, o webdocumentário tenta envolver o internauta na luta para melhorar as condições de vida dessa população. O espectador pode deixar comentários, compartilhar o link em redes sociais e até fazer doações a uma ONG que protege moradores de rua:

O webdocumentário como forma de agir sobre o ambiente social me parece muito importante nos países anglo-saxões. Tem muitos pequenos projetos de documentários com um caráter social. Essas obras interativas são espalhadas pela internet e associadas a um “call action”, para convidar o espectador a fazer alguma coisa.[...] O webdoc é visto como uma ferramenta de mudança, mais do que uma forma de arte. A força da web, é também o poder de informar e agir ao mesmo tempo. Reunir ativismo e webdocumentário é muito poderoso. (GAUDENZI, 2013)³⁹ (tradução nossa)

Outros webdocumentários também seguem essa linha social. O “Le Prix du Riz”, produzido pelo jornal Le Monde, exhibe a dificuldade enfrentada pela população de Bangladesh após aumentos sucessivos no preço do arroz. De acordo com a reportagem, o arroz é o principal alimento no país e o produto mais comprado pelos moradores. Em dois anos, o preço dobrou. Na página principal do webdoc há um prato de comida. Ao redor, cinco personagens de diferentes níveis sociais. Quando o internauta passa o cursor sobre um personagem, a quantidade de comida

³⁸ Disponível em: <<http://invisiblepeople.tv/blog/>>. Acessado em: 13 julho 2013.

³⁹ Le webdocumentaire comme façon d’agir sur l’environnement social m’a l’air très important dans les pays anglo-saxons. Il y a beaucoup de petits projets documentaires à caractère social. Ces œuvres interactives sont relayées sur Internet et associées à un « call to action », pour inviter le spectateur à faire quelque chose. [...] Le webdoc est vu comme un outil de changement plus que comme une forme d’art. La force du net, c’est d’ailleurs de pouvoir s’informer et agir en même temps. Réunir activisme et webdocumentaire, c’est très puissant.

no prato se altera, mostrando a quantidade diária de arroz e outros alimentos ingeridos por cada um deles, em média.

5. METODOLOGIA

5.1. Couchsurfing

Para a realização deste projeto de webdocumentário, buscou-se o apoio da webcomunidade Couchsurfing⁴⁰. O Couchsurfing funciona como uma rede social cujo objetivo é proporcionar a integração entre mochileiros⁴¹ do mundo todo. O nome da rede já tenta explicar a sua utilidade. Vindas da língua anglo-saxônica, as palavras "couch" (sofá) e "surfing" (surfando) formam a ideia de surfar (conhecer, dormir) em sofás alheios. O usuário se cadastra, monta o seu próprio perfil e encontra viajantes que abrem as portas de casa para acolher mochileiros.

O modo de operação do site é simples. O internauta escreve o nome de uma cidade que deseja visitar e a rede lhe mostra todos os usuários que podem acolhê-lo. A vantagem desse sistema é que os "surfistas" de sofá não precisam pagar nada pela hospedagem. Os anfitriões os recebem pelo singelo prazer de compartilhar experiências de vida e visões de mundo. É uma forma de viajar sem ter de sair de casa: o estrangeiro vem até você.

A página web do Couchsurfing define como missão do programa: “Nós vislumbramos uma mudança de mundo por meio da viagem [...]. *Couchsurfers* [usuários do Couchsurfing] compartilham suas vidas com as pessoas que encontram, promovendo trocas culturais e respeito mútuo”⁴². (tradução nossa)

Segundo dados fornecidos pelo site, o Couchsurfing possui mais de 6 milhões de membros, espalhados em cerca de 100 mil cidades no mundo. No total, os usuários compõem um grupo que domina 1.270 línguas - incluindo dialetos. Em média, cada usuário fala 3,87 idiomas,

⁴⁰ Disponível em: <www.couchsurfing.org>. Acessado em: 14 julho 2013.

⁴¹ Pessoas que viajam sem dispor de muitos recursos financeiros.

⁴² “We envision a world made better by travel [...]. Couchsurfers share their lives with the people they encounter, fostering cultural exchange and mutual respect”. Trecho retirado do site oficial do Couchsurfing. Disponível em: <<https://www.couchsurfing.org/n/about>>. Acessado em: 15 julho 2013.

sendo o inglês o mais expressivo: 82,7% dos "surfers" se comunicam através da língua anglo-saxônica.

"O *couchsurfer* é um turista pós-moderno, mas não um pós-turista. Tem um posicionamento de aprendiz, ao mesmo tempo em que resgata as crenças da fase romântica do turismo, elevando-o à categoria de promotor da paz. [...] Os relatos das vivências foram majoritariamente positivos e os aspectos culturais desta forma de hospedagem apontados como ponto central desta experiência singular. O desejo de aprender, de conhecer e de ajudar, de construir "um mundo melhor", supera qualquer temor quanto ao risco de relacionar-se com totais estranhos, embora não se deixe de tomar precauções e se valorize os métodos de segurança do *site*" (STERN, 2009, p. 24)

Por meio do Couchsurfing, organizou-se parte significativa da logística do projeto. Após enviar pedidos de alojamento em Rio Branco, no Acre, três pessoas me responderam positivamente. Fiquei hospedado na casa de duas⁴³ delas. Ambas tiveram participação importante neste webdocumentário. Elas me mostraram a cidade, deram dicas de alimentação, transporte e segurança.

A primeira pessoa que me acolheu era uma estudante de economia. Como sua casa estava em reforma e não tinha sofá, ela me cedeu o seu quarto, em um gesto de singela bondade. Nesse período, ela passou a dormir em um colchão no quarto de sua irmã. Além de me dar abrigo, essa estudante me auxiliou tecnicamente em algumas entrevistas - depois que a ensinei a operar alguns equipamentos.

A segunda pessoa a me dar abrigo foi um advogado goiano que, por sorte, descobri ser delegado da Polícia Civil. Ele garantiu minha segurança durante o período que fiquei no estado do Acre – do dia 19 de maio de 2013 ao dia 1º de junho. Contagiado pela aventura da reportagem, esse delegado decidiu viajar comigo para Brasiléia (AC), cidade que faz fronteira com o município boliviano de Cobija. Ao longo da apuração, acabou se tornando um amigo e um produtor excelente. Se não fosse a sua ajuda, eu teria tido um desgaste muito maior para ter acesso a certas fontes, tais como agentes da Polícia Civil e a empresária Maria Leni, que fornece marmitas para os imigrantes alojados em Brasiléia.

⁴³ Pedro Resende e Vanessa Soares

5.2. O desenvolvimento gráfico

A produção de webdocumentários tem crescido a tal ponto no mercado francês que o estudo desse suporte adentrou os cursos de jornalismo no país. Meu primeiro contato com os “webdocs” foi durante um intercâmbio realizado entre agosto de 2011 e julho de 2012 no *Institute Universitaire de Technologie* (IUT) de Lannion, instituição ligada à Universidade de Rennes I, na França. Lá pude estudar como os veículos de imprensa on-line estão preocupados em diversificar a oferta de material jornalístico, a fim de fidelizar um público.

Durante a orientação deste projeto final (antes de viajar para o Acre) meu orientador, Fernando Oliveira Paulino, também me mostrou alguns webdocumentários feitos pelo jornalista argentino Gustavo Sierra, o que me motivou a seguir no formato.

Após decidir que a reportagem sobre o tráfico de haitianos tomaria a forma de um webdocumentário, resolvi contar com o apoio e a experiência de colegas franceses. Trocamos e-mails semanais (entre abril e agosto de 2013) discutindo a melhor maneira de adaptar o conteúdo. Buscamos webdocumentários de referência, como o “Moneyocracy” e “Happy World” do jornal *Le Monde*. Discutimos o uso de ferramentas para a navegação no site. Negociamos o uso das cores, das fotos e dos vídeos. Dessa forma, toda parte gráfica foi sendo construída a três mãos: por mim, Gurvan Kristanadjaja e Nolwenn Guyon. Após a idealização do design, contei com o ajuda do brasileiro Thiago Vilela para montar o site.

De início, havíamos decidido criar uma linha do tempo para mostrar passo a passo da trajetória dos haitianos que migram para o Brasil. Fizemos um teste e percebemos que tal *design* daria uma monotonia ao webdoc, pois a história seria posta em uma longa narrativa linear – o que também influenciaria o caminho de leitura do internauta. Três semanas depois, escolhemos o novo formato: separamos em dois capítulos “Brasiléia (AC)” e “Brasília (DF)”, onde os vídeos seriam colocados sem obedecer necessariamente uma ordem temporal.

O primeiro capítulo conta a história da chegada dos haitianos em Brasiléia (AC) e os desafios que eles tiveram de enfrentar desde a saída do Haiti. Além de contar a rotina vivida em Brasiléia (AC), o webdocumentário se preocupou em retratar a adaptação dos haitianos após deixar a cidade. Eles se deslocam para várias capitais do país em busca de emprego e estudo. Um dos destinos desses imigrantes é Brasília (DF), a capital federal. Sem dinheiro no bolso, eles residem na periferia - mais precisamente na cidade-satélite Varjão, onde o custo de vida é mais

baixo. O segundo capítulo narra justamente tal deslocamento. A cidade de Brasília (DF) foi escolhida para ilustrar esta etapa devido à facilidade na logística, já que residuo atualmente em Brasília e isso me pouparia mais investimento em transporte.

5.3. Etapas de Produção

	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto
Pré-apuração		x	x			
Produção		x	x	x	x	x
Leitura teórica		x	x	x	x	x
Apuração			x	x	x	x
Pós-produção				x	x	x

5.3.1. Pré-apuração

Entrevistas para coletar informações, busca de dados oficiais, leitura de reportagens sobre o assunto e busca de fontes. Antes de partir para a viagem, por exemplo, reuni-me com o senador Jorge Viana, ex-governador do Acre, para buscar mais informações do caos vivido no estado. Eu buscava pistas de como reportar o fato e me deslocar para Brasília.

5.3.2. Produção

Busca de recursos financeiros, empréstimo de equipamentos (filmagem, captura de som, ilha de edição) e reunião com profissionais do audiovisual para escolher uma estética para os vídeos. Com os colegas franceses, fazíamos reuniões semanais. Também me encontrei regularmente com colegas que hoje trabalham em produtoras de vídeo, como Akira Martins e Elias Guerra, para buscar referências estéticas de edição.

5.3.3. Leitura teórica

Busca e leitura de bibliografia sobre webdocumentários e tráfico de migrantes, como “Cultura da Convergência” de Henry Jenkins. Muitos livros citados neste memorial sobre tráfico

de migrantes, como “Refúgio, Migrações e Cidadania”, da ACNUR e IMDH, foram doados pela religiosa Rosita Milesi, missionária Scalabriniana.

5.3.4. Apuração

Viagem - Brasiléia (AC), Epitaciolândia (AC), Rio Branco (AC), Xapuri (AC), Cobija (Bolívia) -, gravação de entrevistas e contato com fontes. Período de estadia no Acre: de 19 de maio a 1º de junho.

5.3.5. Pós-produção

Edição de todo o material coletado durante as etapas anteriores e criação do *layout* do webdocumentário, entre os dias 11 de junho e 27 de agosto.

5.4. Planilha de gastos

Ressalta-se que os seguintes gastos ficaram muito abaixo do que foi previsto no início da produção do webdocumentário. O orçamento inicial para o trabalho girava em torno de R\$ 5.200,00. Por não dispor de tais meios financeiros, busquei formas de cortar gastos, principalmente com hospedagem e aluguel de equipamentos.

Por meio do Couchsurfing, economizei pelo menos R\$ 840,00, tomando como base o preço de um quarto de hotel em Rio Branco (AC). Os equipamentos que teriam de ser alugados, consegui emprestados. O estúdio de rádio da FAC me emprestou um gravador de áudio (com microfone lapela). As câmeras de filmagem, tripé, microfone lapela reserva e a ilha de edição foram emprestados por amigos. Até as passagens aéreas consegui em promoção. O trecho Brasília – Rio Branco custa em média R\$ 450,00. Ida e volta sairiam em torno de R\$ 900,00. Em uma promoção relâmpago, consegui pagar R\$ 316,80 nas duas passagens.

Passagens aéreas para Rio Branco (ida e volta)	R\$ 316,80
Hospedagem Brasília	R\$ 50,00
Combustível	R\$ 200,00
Alimentação	R\$ 560,00
Compra de equipamento (HD externo, cartões de memória, ...)	R\$ 310,00
Total	R\$ 1.436,80

5.5. O futuro do webdocumentário “Plano Haiti”

O webdocumentário, por ser veiculado na internet, possibilita mudanças posteriores em sua estrutura. Nesse sentido, algumas evoluções no conteúdo do "Plano Haiti" já são calculadas. Após dois meses de publicação, este webdocumentário ganhará uma versão na língua francesa para, assim, ampliar seu alcance de público. A nova versão também tem o objetivo de condecorar a participação de estudantes da Universidade de Rennes I, na França, que foram fundamentais na execução do mesmo. O material, assim, ficará também acessível aos haitianos, que poderão conhecer a história de semelhantes que arriscaram a vida no Brasil. Essa novidade exigirá um esforço conjunto para alterar o layout do site e legendar todos os vídeos.

Uma outra novidade será a ampliação do projeto para a categoria “participativa”. A ideia é criar uma página especial dentro do webdocumentário para receber vídeos feitos por haitianos instalados no Brasil. Eles poderão contar como estão se adaptando ao país, as dificuldades enfrentadas, entre outros temas. Os vídeos seriam acompanhados de um mapa interativo que mostra a localização desses haitianos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem do webdocumentário é um recurso em plena evolução e promissor para as plataformas de jornalismo on-line. Ele consegue explorar múltiplas funções audiovisuais oferecidas pela Internet de uma forma harmônica, por meio de um *design* simples e intuitivo para os usuários.

A produção de webdocumentários no Brasil é ainda tímida se comparada a outros países da Europa e da América Norte, mas a tendência é de expansão nesse mercado. Os brasileiros passaram a consumir cada vez mais informação on-line. Segundo a *Reuters Institute*, o Brasil é o país cuja população se mostra mais propensa a pagar por esse tipo de conteúdo.

Além de ser um formato inovador, o webdocumentário é capaz de criar um espaço de aprofundamento da notícia dentro do universo da web. Ele atrai espectadores interessados em fazer uma releitura de determinados assuntos, como a questão da imigração haitiana no Brasil.

O propósito do webdocumentário “Plano Haiti – a história de haitianos traficados para o Brasil” foi cumprido. Ele abriu espaço de fala aos haitianos e tornou o discurso desses imigrantes acessível para a população lusófona – e futuramente para francófonos. O maior desafio foi tentar condensar a enorme gama de informações relacionadas ao assunto. Cada um dos subtemas – a viagem para o Brasil, os sonhos, as condições precárias do alojamento e etc – mereceria um maior aprofundamento, mas tive que escolher um recorte para a reportagem.

O webdocumentário também se preocupou com a instalação dos haitianos no Brasil. O debate não ficou hermético ao caos vivido em Brasiléia, no Acre, mas se preocupou com a adaptação desses imigrantes dentro do país – a busca de emprego, de moradia e etc. Para isso, a reportagem acompanhou haitianos instalados no Varjão, região administrativa do Distrito Federal, a cerca de 20 km do Plano Piloto. Tomando como pressuposto de que “migrar é um direito humano”, a reportagem cobrou soluções de ordem legislativas, principalmente quanto à formalização de uma lei de imigrações. A reportagem buscou ouvir o porta-voz do Ministério da Justiça, Paulo Abrão.

Vê-se, portanto, o uso social de um webdocumentário capaz de criar, por meio da internet, uma interação entre estratos tão distantes de uma sociedade. Estamos diante da floração de uma nova plataforma midiática a serviço da cidadania. O webdocumentário “Plano Haiti” busca ser um humilde passo nessa evolução do jornalismo on-line.

Sob a ótica pessoal, este projeto também tem grande importância na minha trajetória profissional. Embarcar sozinho para outra região do país (onde não conhecia nada, nem ninguém) para garimpar boas histórias não é uma tarefa fácil. Mais que conquistar a confiança do personagem, foi preciso buscar a minha própria confiança. A coragem para encarar viagem; o desafio para mergulhar no universo dos webdocumentários, ainda pouco explorados no Brasil; a

presteza para filmar, capturar áudio, fotografar e entrevistar em uma língua estrangeira - tudo ao mesmo tempo.

A organização foi peça-chave durante o processo. A cada dois dias no Acre eu me comunicava com amigos colaboradores para montar, aos poucos, o webdocumentário a partir do material filmado. Como foi a primeira vez que eu produzia um webdoc, me faltava habilidade para enxergar sozinho a relação entre *design* e reportagem. Assim, cada passo da reportagem teve de ser calculado minuciosamente, pois eu não teria a oportunidade de voltar ao Acre e à Bolívia. Após oito meses de trabalho, o webdocumentário ganhou forma e permanece no domínio <www.planohaiti.com>.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEGRI, Ermanno. *Nossa relação com a mídia: como incentivar seu papel político e pedagógico no combate ao Tráfico de Pessoas*. In: Tráfico de Pessoa e Trabalho Escravo. 1ª edição. Brasília: Edição CNBB. 2012.

ALMEIDA, Paulo Sérgio de. *Migração e Tráfico de Pessoas*. In: ACNUR & INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v. 7, n. 7. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. 2012.

ANJOS, Fernanda Alves do; OLIVEIRA, Mariana Siqueira de Carvalho. Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas: transversalidade, complexidade e desafios. In: Tráfico de Pessoa e Trabalho Escravo. 1ª edição. Brasília: Edição CNBB. 2012.

BAUER, Marcelo. Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental. 2011. Disponível em <http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/Os_webdocument%C3%A1rios_e_as_novas_possibilidades_da_narrativa_documental_Marcelo_Bauer.pdf>

CAMPOS, Marden B. *A imigração para o Brasil segundo o Censo Demográfico 2010*. In: ACNUR & INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v. 7, n. 7. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. 2012.

DIAS, Guilherme Mansur; SPRANDEL, Marcia Anita. *A CPI do Tráfico de Pessoas no contexto do enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil*. In: ACNUR & INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v. 7, n. 7. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. 2012.

FERNANDES, Durval; MILESI, Rosita; FARIAS, Andressa. *Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório*. In: ACNUR & INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v. 6, n. 6. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. 2011.

FREIRE, Eduardo; BARBALHO, Marcelo. *Percursos narrativos da fotografia no web-documentário hipermediático*. Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em :
< <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1285-2.pdf>>

GANTIER, Samuel; BOLKA, Laure. *L'expérience immersive du web documentaire : études de cas et pistes de réflexion*. In : Les Cahiers du Journalisme n* 22/23. 2011. Disponível em
<http://www.cahiersdujournalisme.net/cdj/pdf/22_23/08_BOLKA_GANTIER.pdf>.

HAGGERTY, Richard A. *Haiti: a country study*. Washington: GPO for the Library of Congress, 1989. Disponível em < <http://countrystudies.us/haiti/>>.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2009.

OBSERVATOIRE DU DOCUMENTAIRE. *Le documentaire et les plateformes numériques : un écosystème en transformation*. 2011. Disponível em
<http://www.obsdoc.ca/res/pdf/Observ_20110203_ResumeEtude.pdf>

POWER TO PIXEL. The Think Tank. 2013. Disponível em <<http://thepixelreport.org/wp-content/uploads/2011/03/ThinkTank2011hiqual.pdf>>

REUTERS INSTITUTE. *Reuters Institute Digital News Report 2013*. Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/fileadmin/documents/Publications/Working_Papers/Digital_News_Report_2013.pdf>

SOUZA, Gustavo. *Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo*. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

STERN, Raquel Farias. *Turismo e pós-modernidade: uma análise do intercâmbio de hospitalidade – o caso do Couchsurfing*. In: Periódico Itinerarium, Unirio, vol 2, 2009.

THE SCHOMBURG CENTER FOR RESEARCH IN BLACK PEOPLE. *In Motion: the African-american migration experience*. Disponível em <<http://www.inmotionaame.org/print.cfm?migration=12>>

WOLTON, Dominique. *Pensar a comunicação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

7.2. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-03-01/depois-de-faltar-tres-audiencias-baby-doc-nega-crimes-e-diz-que-fazia-justica-no-haiti>>. Acessada em: 4 setembro 2013.

Alexa. Disponível em: <<http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acessado em 13 julho 2013.

Blog Cinema Documentaire. Disponível em: <<http://cinemadocumentaire.wordpress.com/>>

2013/07/10/le-monde-du-webdoc-decrypte-par-sandra-gaudenzi/>. Acessado em : 17 julho 2013.

Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16342>. Acessado em: 8 julho 2013.

Couchsurfing. Disponível em: <www.couchsurfing.org>. Acessado em: 14 julho 2013.

Cross Content. Disponível em: <<http://www.webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/sobre-este-site>>. Acessado em: 10 julho 2013.

France 24. Disponível em: <<http://www.france24.com/fr/webdocumentaires>>. Acessado em: 13 julho 2013.

France TV. Disponível em: <<http://www.francetv.fr/nouvelles-ecritures/banlieue-b4/#>>. Acessado em: 13 julho 2013.

Globo.com. Disponível em: <www.globo.com>. Acessado em: 13 julho 2013.

IG. Disponível em: <www.ig.com.br>. Acessado em: 13 julho 2013.

Invisible People. Disponível em: <<http://invisiblepeople.tv/blog/>>. Acessado em: 13 julho 2013.

Jornalistas&Cia. Disponível em: <<http://www.jornalistasecia.com.br/protagonista09.htm>>. Acessada em: 13 julho 2013.

Le monde. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/webdocumentaires>>. Acessado em: 13 julho 2013.

Libération. Disponível em: <<http://www.liberation.fr/webdocumentaire,99916>>. Acessado em: 13 julho 2013.

RFI. Disponível em: <<http://www.rfi.fr/contenu/prix-webdocumentaire>>. Acessado em 13 julho 2013.

Site oficial da Minustah. Disponível em: <<http://www.minustah.org/la-mission/historique/>>. Acessado em: 8 julho 2013.

Terra. Disponível em: <www.terra.com.br>. Acessado em: 13 julho 2013.

Uol. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acessado em: 13 julho 2013.

Yahoo. Disponível em: <www.yahoo.com>. Acessado em: 13 julho 2013.

7.3. REFERÊNCIAS ACADÊMICAS

MEDEIROS, Étore Jerônimo Lula de. *Políticas públicas, vidas privadas: um webdocumentário sobre a hanseníase no Brasil*. Memorial descritivo para obtenção de diploma em jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, sob orientação de Susana Dobal. 2012.

DIAS, Taíssa da Silva; GUIMARÃES, Tchéréna Cândido Costa Correia. *Do caos à esperança: uma grande reportagem sobre as mulheres na reconstrução do Haiti*. Memorial descritivo para obtenção de diploma em jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, sob orientação de Dione Oliveira Moura. 2011.